

Área: Estratégia | Tema: Estratégia de Inserção Internacional

**ESTUDO SOBRE A SUINOCULTURA BRASILEIRA UMA ANÁLISE DO PREÇO DE EXPORTAÇÃO
NO PERÍODO DE 2012 A 2018**

**STUDY ON BRAZILIAN SUINOCULTURE AN ANALYSIS OF THE EXPORT PRICE IN THE PERIOD
FROM 2012 TO 2018**

Nilde Corrêa Oliveira, Sandra Inês Horn Bohm, Nádia Ligianara Dewes Nyari e Geverson Tobias Bohm

RESUMO

carne suína é a uma das carnes mais consumidas no Brasil, tendo seu mercado consumidor baseado na qualidade e procedência dos animais, contudo o mercado vem se adequando cada vez mais às exigências, principalmente relacionado a produção de suínos com o bem-estar animal, apresentando uma “qualidade ética” na qual a carne, além dos atributos de qualidade devem ser de origem, manejo e abate, adequado e dentro das normas estabelecidas. Nesse sentido a presente pesquisa visa priorizar e acompanhar o crescimento regional, com a implementação de propriedades produtoras de suínos adequadas, possibilitando o aumento do plantel, da produção e das exportações e importações, almejando sempre o equilíbrio e abastecer o mercado internacional.

Palavras-Chave: Agronegócio, Exportação, Suinocultura.

ABSTRACT

The pork is one of the most consumed meats in Brazil, having its consumer market based on the quality and origin of the animals, however the market has been adapting more and more to the requirements, mainly related to the production of pigs with animal welfare, presenting an "ethical quality" in which the meat, besides the attributes of quality must be of origin, handling and slaughter, adequate and within the established norms. In this sense, the present research aims to prioritize and follow the regional growth, with the implementation of appropriate pig production properties, allowing the increase of the stock, production and exports and imports, always aiming at balance and supply the international market.

Keywords: Agribusiness, Export, Pig Industry.

Eixo Temático: Estratégia de Inserção Internacional

**ESTUDO SOBRE A SUINOCULTURA BRASILEIRA
UMA ANÁLISE DO PREÇO DE EXPORTAÇÃO NO PERÍODO DE 2012 A 2018**

**STUDY ON BRAZILIAN SUINOCULTURE
AN ANALYSIS OF THE EXPORT PRICE IN THE PERIOD FROM 2012 TO 2018**

RESUMO

A carne suína é a uma das carnes mais consumidas no Brasil, tendo seu mercado consumidor baseado na qualidade e procedência dos animais, contudo o mercado vem se adequando cada vez mais às exigências, principalmente relacionado a produção de suínos com o bem-estar animal, apresentando uma “qualidade ética” na qual a carne, além dos atributos de qualidade devem ser de origem, manejo e abate, adequado e dentro das normas estabelecidas. Nesse sentido a presente pesquisa visa priorizar e acompanhar o crescimento regional, com a implementação de propriedades produtoras de suínos adequadas, possibilitando o aumento do plantel, da produção e das exportações e importações, almejando sempre o equilíbrio e abastecer o mercado internacional.

Palavras-chave: Agronegócio, Exportação, Suinocultura.

ABSTRACT

The pork is one of the most consumed meats in Brazil, having its consumer market based on the quality and origin of the animals, however the market has been adapting more and more to the requirements, mainly related to the production of pigs with animal welfare, presenting an "ethical quality" in which the meat, besides the attributes of quality must be of origin, handling and slaughter, adequate and within the established norms. In this sense, the present research aims to prioritize and follow the regional growth, with the implementation of appropriate pig production properties, allowing the increase of the stock, production and exports and imports, always aiming at balance and supply the international market.

Keywords: Agribusiness, Export, Pig Industry.

1 INTRODUÇÃO

As atividades relacionadas à suinocultura no Brasil iniciaram por volta de 1532, por Martim Afonso de Sousa, que trouxe os primeiros exemplares de suínos (porcos) ao Brasil, provenientes principalmente de raças derivadas da Europa, Ásia e Índia. Se adaptando facilmente ao clima tropical do país, e permitindo que aos criadores o desenvolvimento de raças próprias (Faganello, 2016), especialmente oriundos de cruzamentos de raças portuguesas, e não havendo preocupação com a seleção das matrizes. Contudo foi a partir do século XX, que ocorreu a real expansão dessa atividade, especialmente em decorrência das necessidades humanas, intensificando nos anos 1970, com a criação animal por confinamento (Molento, 2005), exercendo papel de destaque na matriz produtiva do agronegócio brasileiro, sobretudo no âmbito sócio econômico.

Segundo estimativas, mais de 730 mil pessoas dependem diretamente da suinocultura, sendo essa atividade responsável pela renda de mais de 2,7 milhões de pessoas (ROPPA, 2002; apud Spanevello et al., 2010), destinando principalmente com a valorização deste mercado a produção própria de carne e de toucinho, das raças Canastra, Sorocaba, Tatu e o Carunchinho. De acordo com a Epagri, em 2015, os Estados do Sul do Brasil concentram 62,8% da produção desse segmento, com destaque no ano de 2015 (Guesser, 2017), o Estado de Santa Catarina ($\approx 9\%$) (2,417 milhões de animais), seguido do Rio Grande do Sul ($\approx 7\%$) (1,871 milhão) e do Paraná ($\approx 5\%$) (1,759 milhão), dados reportados segundo Pesquisa Trimestral de Abates do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística realizada em 2015 (IBGE, 2017) e Associação Brasileira da Indústria Produtora de Carne Suína (ABIPECS, 2017).

A região centro oeste se destaca de maneira especial o Estado do Mato Grosso, que teve suas primeiras granjas técnicas produtoras de suínos no início da década de 90, com o objetivo de agregar valor aos grãos produzidos na região, que fornecem insumos para a produção, consequentemente impactando nos custos da indústria e da produção, proporcionando uma vantagem competitiva. A partir da criação do Programa Granja de Qualidade em 1995, regulamentado em 1996, que oportunizou o desenvolvimento na criação de suínos na região. Atualmente concentra – se o Estado do Mato Grosso 2% da produção brasileira de suínos (Guesser, 2017), se beneficiando com uma grande extensão geográfica e uma produção de 476,552 mil de animais de acordo com a Pesquisa Trimestral de Abates (IBGE, 2017).

Nos últimos anos, com o avanço das técnicas de melhoramento genético, o plantel brasileiro se profissionalizou, ganhado ainda mais importância, principalmente no mercado internacional, elevando assim o nível de exportação de carne suína a um patamar de 23,11% nos últimos anos (Gonçalves e Palmeira, 2006). Esses dados são decorrentes de investimentos em tecnologia e custos inferiores aos principais competidores mundiais. O custo de produção brasileiro é média de US\$ 0,63 por kg, enquanto que nos Estados Unidos, França e Espanha o custo sobe para US\$ 0,99; 1,27; 1,18; respectivamente.

Segundo Gonçalves e Palmeira, (2006) o Brasil ocupa o terceiro maior rebanho mundial de suínos com mais de 32 milhões de cabeças, sendo superado apenas pelos Estados Unidos (mais de 60 milhões de animais) e pela China (mais de 460 milhões de animais). Por outro lado, a produção de leitões foi mais de 30 milhões em 2002, estando na frente de países importantes no segmento como: Irlanda, Itália, Holanda, Canadá, dentre outros (ANUALPEC, 2002).

O Brasil é um grande exportador está em quarta posição dos países que mais exportam carne suína, seus maiores clientes são Rússia 43%, Argentina 6,6%, Hong Kong 15,5%, China 10,1% e Cingapura 5,4%. Além disso, o Brasil enquadra-se atualmente como um dos países com elevado potencial para a produção da proteína animal segundo a Federação de

Arte Educadores do Brasil (FAEB, 2018) com carne suína de excelente qualidade, na maioria o que é produzido é exportado, gerando ganho financeiro e também refletindo na geração de emprego (Ativa Suinocultura - CNA Brasil, 2015).

Assim, a produção brasileira de suínos vem se consolidando como um importante *player* no mercado mundial, com grande potencial de ampliar ainda mais sua participação relativa no mercado internacional, com matéria prima de excelente qualidade, de alto valor genético e índices de produtividade, preços reduzidos nas instalações, pois a maioria das granjas são tecnificadas, com clima favorável e baixos custos de produção. Além de grande produção de insumos, visto que o país produz toda a matéria prima necessária para a produção de insumos (grãos/ração), principalmente o milho e soja e a mão de obra abundante, destacam o baixo custo de produção de carne, torna o país promissor nesse segmento.

A participação do Brasil na produção mundial tem um aumento considerável desde 1997, segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA, 2017) a participação do agronegócio nas exportações brasileira entre 2000 a 2017 foi de 244%. Entre 2012 a 2013, os volumes exportados de suínos foram de 11,82%, ocupando uma posição dentro do agronegócio significativa, com a quinta colocação com os produtos mais exportados no país. Deixando os preços nas exportações no ano de 2014 em alta de 22,37%, ocupando a primeira posição entre os itens mais exportados.

Quanto ao preço do dólar, houve uma ligeira baixa, na produção, sendo acompanhado pelo Cepea (2017), no comparativo de 2015 com 2014 a carne suína teve um aumento de 27,78%, ocupando 10,48% das exportações brasileiras. Em 2016 a carne suína foi o produto mais exportado, liderando com 35,3% entre os produtos do agronegócio.

Em meados de 2017 a exportação ocupou uma considerável porcentagem de 1,3% de todo o setor de agronegócio brasileiro (CEPEA 2017), sendo influenciada pelo mercado internacional e estando em quarto lugar no ranking de países que mais exportam nesse segmento. As ofertas e demandas no mercado internacional comparando o preço da moeda estrangeira com a moeda nacional, propiciam a procura pelo país como um mercado fornecedor nesse setor, principalmente devido às melhores ofertas oferecidas e produtos de excelente qualidade. Nesse sentido buscando aprofundamento no assunto, agregando conhecimentos específicos no setor, o objetivo do presente estudo é avaliar com um todo o processo da suinocultura no Brasil, desde a produção, criação e exportação de suínos.

2 METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo, com análise de dados investigados, de artigos científicos, livros, revistas e páginas digitalizadas conceituadas no meio científico, sendo analisadas e interpretadas de acordo com o objetivo proposto. Todas as informações apresentadas são de caráter científico, com grande impacto na comunidade acadêmica e profissional, graças a suas pesquisas possuímos grande parte dos dados que formam a base do nosso conhecimento a respeito deste determinado tema.

Todas as informações apresentadas são de caráter científico, com grande impacto na comunidade acadêmica e profissional, graças a suas pesquisas possuímos grande parte dos dados que formam a base do nosso conhecimento a respeito deste tema. Segundo Richardson (2007), a proposta investigação científica, baseia -se em um método exploratório de dados, com o propósito de descrever a complexidade do problema, analisando a interação das variáveis envolvidas, compreendendo e classificando as técnicas, processos e sistemas e possibilitando maior compreensão do todo

3 REVISÃO E DISCUSSÃO DA LITERATURA

3.1 Suinocultura no Brasil

O Brasil possui algumas vantagens competitivas em relação aos demais países exportadores no comércio mundial de carne suína, segundo Coimbra (2003) podemos citar:

- Possui condições ideais de clima e meio ambiente para a criação de suínos;
- Tecnologia, qualidade e inovação no processo, com rigoroso controle sanitário;
- Produz o milho e a soja necessária para o rebanho;
- Um competente sistema de irrigação, que concilia a eficiência produtiva dos criadores de suíno com a capacidade de produção com a escala dos frigoríficos.

Estas vantagens brasileiras contribuem para que o país ocupe o quarto lugar de maior produtor de carne suína do mundo e também o quarto maior exportador de carne suína. O Brasil deve permanecer como quarto maior produtor e exportador mundial de carne suína até final de 2018, com produção anual média de 2,84% e vendas ao exterior de 4,91% segundo projeção da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA, 2017).

3.2 A Produção Brasileira

O crescimento da suinocultura é decorrente da sanidade do rebanho, ou seja, através da atualização tecnológica, da rastreabilidade e dos processos, que são essenciais para a segurança e qualidade dos produtos, outro aspecto que influencia absolutamente a competitividade no setor suinícola é a qualidade sanitária dos rebanhos, (*it hygiene*), dos alimentos fornecidos e dos processos industriais, além da avaliação dos riscos, tomada de decisões, quanto a prevenção, ingredientes e produtos, e a transparência de informações tanto em relação aos produtos, quanto aos processos destinados ao consumidor final. O Quadro 1 apresenta o plantel suinícola por região no Brasil.

Quadro 1. Plantel suinícola por região.

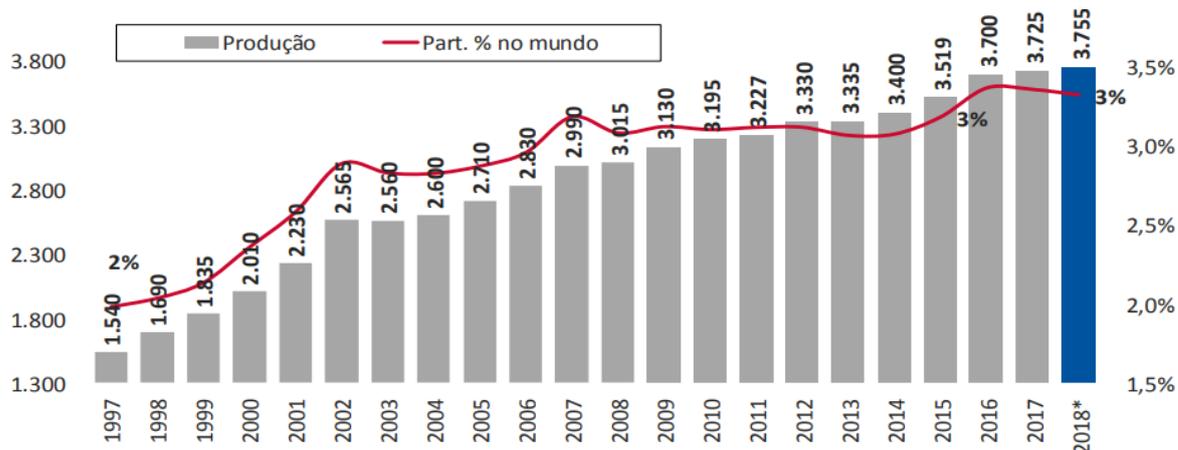
Região Brasileira	Platel (milhões)
Norte	de 1,36 a 5,81
Nordeste	de 5,81 a 6,32
Centro Oeste	de 6,32 a 6,95
Sudeste	de 6,95 a 19,87
Sul	superior a 19,87

Fonte: IBGE (2017).

Segundo (Souza et al. (2011) as estimativas previstas para a produção brasileira de carne suína serão de 4 milhões de toneladas em 2020, enquanto o consumo terá um crescimento superior a 1,8% ao ano, passando de 2,7 milhões de toneladas em 2010 para 3,2 milhões no final do período projetado.

O Gráfico 1 apresenta segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, 2018) a produção de carne suína em mil toneladas, de janeiro de 2000 a maio de 2018 no Brasil.

Gráfico 1 – Produção de carne suína no Brasil nos de 2000 a 2018.



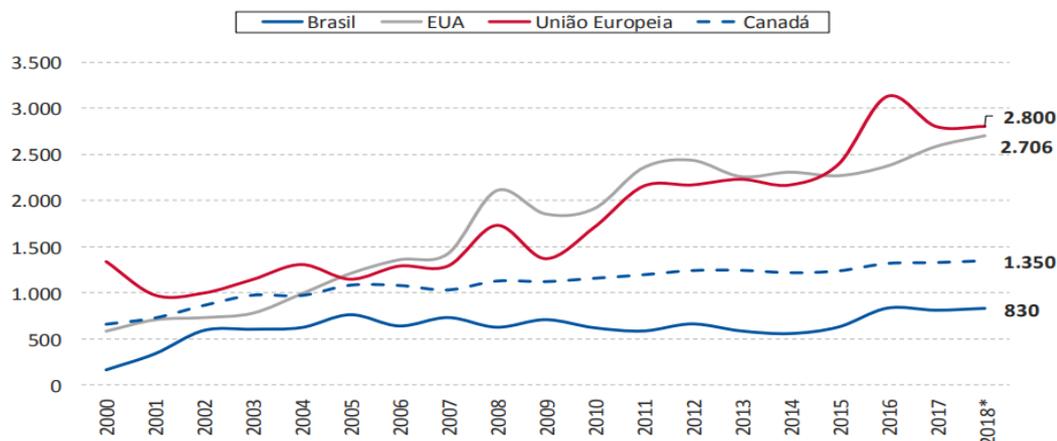
Fonte: USDA (2018).

3.3 A Suinocultura Brasileira x Tendências Mundiais

Durante os últimos anos o crescimento da produção suínica no Brasil, tem sido considerável, tanto em relação a produção quanto em relação à exportação, apresentando – se como um setor em acessão, ou seja, sendo considerado promissor.

A evolução da produção de carne suína nos anos de 2012 e 2018, demonstra que a China ainda é o principal produtor (responsável \approx 51%), seguida pela União Europeia (UE) (28 países membros) (20%) e dos Estados Unidos (USA) (10%). O Brasil ocupa a quarta posição (\approx 3%), como mencionado anteriormente e são responsáveis juntos pelo crescimento da produção mundial. O Gráfico 2 apresenta segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, 2018) o comportamento nas exportações de carne suína do ano de 2000 a 2018 em mil toneladas.

Gráfico 2 - Comportamento das exportações dos principais produtores de carne suína do ano de 2000 a 2018.



Fonte: USDA (2018).

Com exceção da Rússia, os principais mercados importadores reduziram significativamente nos volumes importados (\approx 26,5%) nos últimos anos, sendo reflexo do excedente de oferta do produto oriundo da China, afetando diretamente os diversos mercados

e reduzindo as exportações da carne brasileira. O Brasil exportou no último ano para a Rússia 8,5%, seguido de Hong Kong (- 8,5%), China (- 49,9%), Cingapura (- 0,2%), Argentina (32%), Angola (5,0%) e Uruguai (9,8%) (Souza et al., 2011). Essa redução é consequência das suspensões de contratos e/ou embarques, mas esses requisitos nas exportações vêm sendo normalizadas após exaustivas negociações do governo brasileiro e do setor produtivo junto ao mercado importador.

Segundo a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) os Estados Unidos (EUA) continuaram em primeiro lugar (32%), seguidos por União Europeia UE (31%), Canadá (18%) e o Brasil (8%) como um dos maiores exportadores mundiais de carne suína.

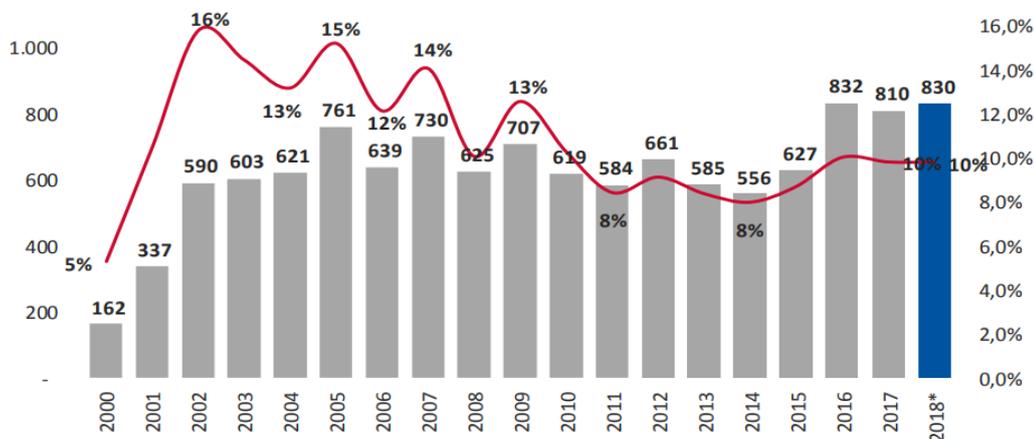
3.4 Comércio Internacional

Conforme RATTI (1994) a Teoria das Vantagens Absolutas teve origem a partir da teoria das vantagens comparativas, onde cada país deve concentrar-se naquilo que pode produzir a baixo custo e trocar parte dessa produção por artigos que custem menos em outros países. Essa ideia vem sendo desenvolvida por alguns países, que estabelecem vantagens na produção de um bem, custo de produção inferior, sendo chamado de “agregando valor do bem”. Essa abordagem internacional, vem enfatizar a divisão do trabalho na área do agronegócio, permitindo a especialização de produções combinando com trocas entre as nações, contribuindo para a melhoria do bem-estar das populações (KRUGMAN e OBSTFELD, 2001), assim o modelo apresenta as diferenças dos países em relação ao comércio e aos lucros, onde a mão de obra é o único fator de produção que diferencia os países nas diferentes indústrias.

Segundo PORTER (1989) as nações com disponibilidade de matérias-primas ou terra cultivável, exportarão seus produtos, abastecendo todo o mercado internacional, através de tarifas e subsídios às exportações, devido a distribuição de renda (para promover indústrias essenciais à economia) ou pelo balanço de pagamentos conforme KRUGMAN E OBSTFELD (2001), criando uma diferença entre os preços dos bens comercializados no mercado internacional e aqueles comercializado dentro do país.

O Gráfico 3 apresenta segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, 2018) o comportamento nas exportações brasileiras de carne suína do ano de 2000 a 2018 em mil toneladas.

Gráfico 3 - Comportamento nas exportações brasileiras de carne suína do ano de 2000 a 2018.



Fonte: USDA (2018).

A participação do Brasil nas Organizações Internacionais é importante para a articulação de propostas de entendimento e de negociação, privilegiando a diplomacia e o direito as relações internacionais, ou seja, é capaz de assumir responsabilidades no cenário internacional.

3.5 Competitividade e Barreiras

Brasil, é um dos países mais competitivos do mundo na venda de carne suína, a sanidade do rebanho do suíno é considerada um diferencial, e responsável pelo crescimento deste setor SANTOS (2003). Aspecto de grande importância no mercado internacional, para o produto brasileiro, é o fato de o circuito Centro-Sul ser zona livre de febre aftosa, tendo como 14 (quatorze) estados, e o Distrito Federal tem status sanitário e mantêm – se em forte vigilância para assegurar essa condição. As exportações brasileiras apresentam bom desempenho e crescimento levando o Brasil a um ranking dos melhores e mais preparados para abastecer um mercado internacional com qualidade.

3.6 A Competitividade

A competitividade está relacionada às características apresentadas por um produto ou empresa, pode estar junto ao desempenho no mercado ou a eficiência técnica dos processos produtivos. Para PORTER (1989) o desempenho e a competitividade são expressas na segundo a participação no mercado (*market share*). A eficiência na competitividade ou na produtividade, mostra a capacidade que a empresa tem em transformar insumos em produtos, obtendo o máximo de rendimentos. Essa competitividade, determinada as estratégias a serem utilizadas, de ordem, tecnológica, gerencial, financeira e comercial.

3.5 Barreiras

Barreiras comerciais são normas alfandegárias decretadas pelos governos para controlar o intercâmbio internacional, podendo ser relativas ao comércio, como: barreiras tarifárias (tarifas de importações, outras taxas e valoração aduaneira), barreiras não tarifárias (restrições quantitativas, licenciamento de importações, procedimentos alfandegários, medidas antidumping e compensatórias) e barreiras técnicas (normas e regulamentos técnicos, regulamentos sanitários, fitossanitários e de saúde animal).

Dentre as barreiras, destaca – se as cotas de importação (restrição direta a quantidade de algum bem que pode ser importada), sendo executada por meio de emissão de licenças a um grupo de indivíduos ou empresas (KRUGRAN e OBSTFELD, 2001). Os países mais desenvolvidos adotaram medidas protecionistas na área da agricultura, por meio de barreiras não tarifárias, alegando motivos ambientais, trabalhistas ou sanitárias.

3.6 Variações da Taxa de Câmbio

Uma das principais características do mercado internacional é a existência de moedas diferentes, que se estabelece o comércio entre dois países, sendo chamado de taxa de câmbio o preço de uma moeda estrangeira em relação à moeda nacional segundo GUIDOLIN (1991).

De acordo com estudos de KRUGRAN e OBSTFELD (2001) a taxa de câmbio, no comércio internacional permite a comparação dos preços dos produtos produzidos nos diferentes países. Quando ocorrem mudanças nas taxas de câmbio, os preços um bem é mais barato para o estrangeiro, favorecendo as exportações e apreciação da moeda, desfavorecendo as exportações.

Os preços médios das exportações em dólar segundo Índice de Preços de Exportação do Agronegócio Brasileiro (IPE-AGRO/CEPEA, 2017) recuam, com esta ligeira desvalorização do Real de acordo com o Índice de Câmbio Efetivo do Agronegócio (IC-AGRO/CEPEA, 2017) nos últimos anos, reduzindo os de preços médios em dólares da carne

suína brasileira ao mercado internacional (ESALQ/USP, 2017), estando em constante rotatividade, principalmente devido as exportações, câmbio, crise política e alterações no cenário internacional.

3.7 A Exportação

Segundo CEPEA (2018) as exportações brasileiras apresentam bom desempenho e crescimento no volume embarcado de carne suína nos últimos anos, desde o ano 2000. O Brasil iniciou a relação de comércio de carne suína com a Rússia em 2017, sem restrições sanitárias. Pondera essencial e fundamental para conquistar outros mercados, como é o caso da União Europeia. SANTOS et al (2003) evidencia em seu estudo sobre este mercado, comentando que ainda não ingressamos no Mercado Comum Europeu, apenas por questões pontuais, como o excesso de produção de alguns países e os subsídios econômicos.

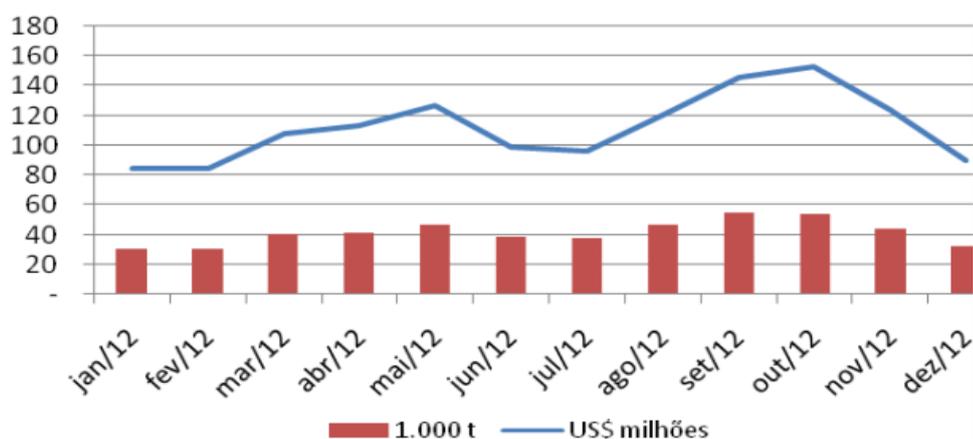
O Brasil é um dos países mais competitivos do mundo na venda de carne, a sanidade do rebanho suíno é considerada um diferencial, acrescentando competitividade ao setor, sendo considerado como barreira de comercialização de suínos para outros países esteio erradicadas em zonas produtoras do Brasil. Para SANTOS et al. (2003) a grande importância no mercado internacional, está no circuito Centro-Sul, ser zona livre de febre aftosa, possuindo status sanitário e de forte na vigilância para assegurar esta condição.

3.8 Exportação de Carne Suína 2012

De acordo com CEPEA (2018) no ano de 2012, houve um crescimento de 499 mil toneladas (aumento de 14,5%) em relação ao ano anterior (435,9 mil toneladas), segundo o Boletim do Suíno (2012). ORTELAN (2012) destaca esse fator tem como consequência um aumento de compra da Ucrânia, que dobrou as importações, considerando assim a volta ao mercado das exportações a Rússia e consequentemente assumindo logo o segundo maior comprador da carne do Brasil (120,9 mil toneladas).

O menor preço da carne brasileira no mercado internacional, faz se com que o preço da carne e Reais fosse mais elevado, aumento o interesse em relação ao mercado brasileiro nas exportações (ORTELAN, 2012). As Exportações de carne suína de janeiro a dezembro de 2012, segundo o volume e a receita, segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA, 2017), Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ, 2017) e Universidade de São Paulo de Piracicaba (USP, 2017), publicado no Boletim do Suíno em 2012 estão apresentados no Gráfico 4.

Gráfico 4 - Exportações de Carne Suína -Volume/Receita de janeiro a dezembro de 2012.

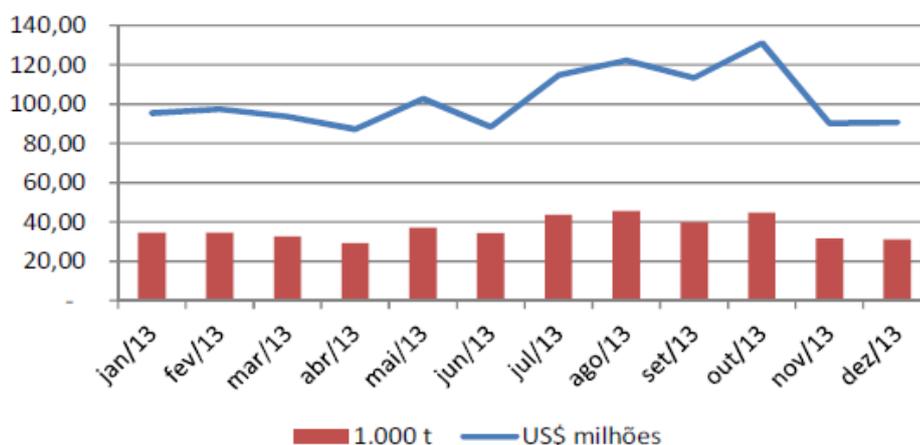


Fonte: CEPEA (2017) e ESALQ (2017).

3.9 Exportação de Carne Suína 2013

Conforme CEPEA (2018) a carne suína foi bastante prejudicada em 2013 devido à proibição da Ucrânia nas exportações, a qual vinha sendo o maior comprador da carne suína do Brasil (23% das vendas) do produto. Com a receita obtida com as exportações brasileiras de carne suína teve (R\$ 2,7 bilhões), um percentual de 4% a mais que o do ano 2012, devido ao mercado japonês firmar compras de carne suína. As Exportações de carne suína de janeiro a dezembro de 2013, segundo o volume e a receita, segundo o CEPEA (2017), ESALQ (2017) e USP (2017), publicado no Boletim do Suíno em 2013 estão apresentados no Gráfico 5.

Gráfico 5 - Exportações de Carne Suína -Volume/Receita de janeiro a dezembro de 2013.



Fonte: EPEA (2017) e ESALQ (2017).

Com a grande desvalorização do milho em 2013, é viável o poder de compra de suinocultores e integradoras, pois o custeio de produção saía mais barata, entanto para a exportação da carne suína brasileira é lucrativa. Esse cenário, associado aos elevados valores pagos fez com que a relação de troca chegasse a um dos melhores resultados ao produtor dos últimos anos.

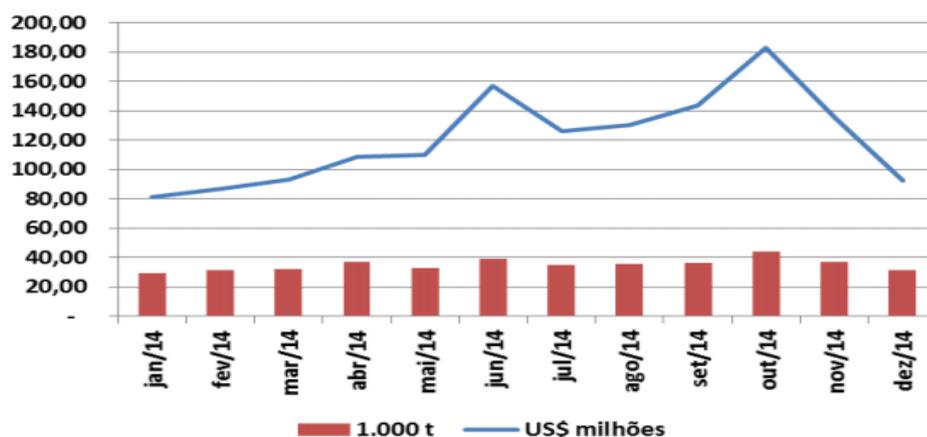
3.10 Exportação de Carne Suína 2014

De acordo com CEPEA (2018) as exportações brasileiras em 2014 fecharam em baixa, sendo o menor volume embarcado de carne suína desde 2001, geraram receita recorde no ano, com exportações (1,4 bilhão dólares), equivalente a R\$ 3,4 bilhões de reais e o preço médio da carne chegando a US\$ 4,00/kg em moeda nacional chegando a R\$ 8,02/kg.

A Rússia é o grande responsável ao desempenho do crescimento das exportações da suinocultura brasileira em 2014, a grande interferência e geradores de conflitos políticos com a União Europeia e os Estados Unidos, obrigaram a comprar de outros países. ORTELAN (2014) destacou que enfermidades como a peste africana e a diarreia epidêmica, comprometeram os rebanhos, permitindo oportunizar melhores preços e aumentando no volume dos embarques de exportação.

As Exportações de carne suína de janeiro a dezembro de 2014, segundo o volume e a receita, segundo o CEPEA (2017), ESALQ (2017) e USP (2017), publicado no Boletim do Suíno em 2014 estão apresentados no Gráfico 6.

Gráfico 6 - Exportações de Carne Suína-Volume/Receita de janeiro a dezembro de 2014.



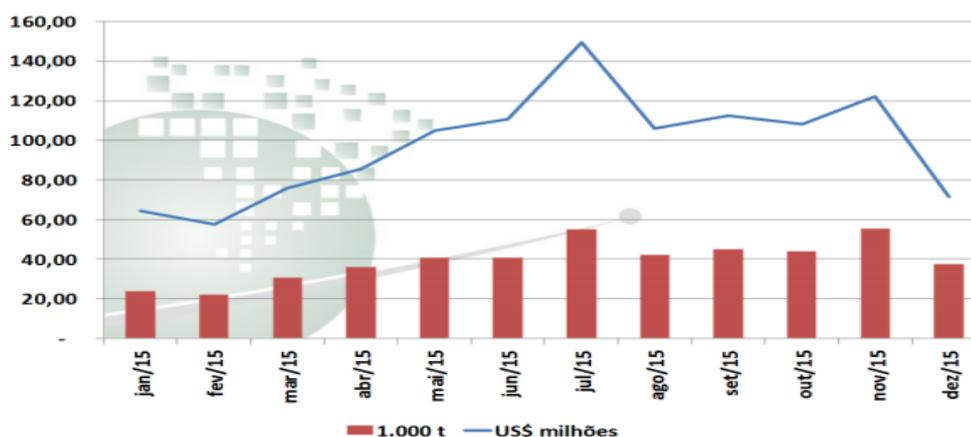
Fonte: CEPEA (2017) e ESALQ (2017).

3.11 Exportação de Carne Suína 2015

CEPEA (2018) destaca que as exportações de carne suína nas empresas brasileiras tiveram um valor de embarque recorde em 2015, o montante em recardado em Reais em total a cadeia suinícola de carne in natura, industrializada e miúda, foi de R\$ 4,25 bilhões, 13,9% a mais que em 2014, segundo Boletim Suíno por Ortelan (2015) esse fator tem consequência devido à valorização do dólar, que eleva a competitividade do produto brasileiro, assim estimulando o volume vendido e o preço em Reais, dando uma retomada na escala das compras russas, auxiliando o aumento nos ganhos.

Considerado todos os destinos de mercados foram exportadas 537,9 mil toneladas de carne suína e seus derivados, isto tem como um aumento de 9,7% a mais que 2014, sendo responsáveis por uma elevação de 28,7%, chegando a 53,5 mil toneladas. O Plano de Ação para Cooperação Econômica e Comercial Brasil-Rússia, foi firmado em 2014, assim diminuiu as barreiras, acelerando as exportações. A China teve um aumento de 4,4 mil toneladas, que teve incremento de 520,25% em relação a 2014. As Exportações de carne suína de janeiro a dezembro de 2015, segundo o volume e a receita, segundo o CEPEA (2017), ESALQ (2017) e USP (2017), publicado no Boletim do Suíno em 2015 estão apresentados no Gráfico 7.

Gráfico 7 - Exportações de Carne Suína-Volume/Receita de janeiro a dezembro de 2015.



Fonte: CEPEA (2017) e ESALQ (2017).

A importância para a atividade suína tornou-se mais cara em 2015, especialmente para itens de alimentação animal (milho, farelo de soja e aqueles que dependem de matéria-prima importada). De acordo com as pesquisas da equipe Granos / Cepea, o bom desempenho das exportações foi o principal motivo para o reajuste do milho em um ano recorde de safra, referente, aumentou expressivamente 28% no ano, fechando em R \$ 36,83 / fora de 60 kg no dia 30.

Em 2015, 28 foram embarcados, 9 milhões de toneladas de 40% superior ao de 2014 e um novo recorde, superior ao máximo de 26,6 milhões de toneladas alcançado em 2013 - dados da Secex. Para o farelo de soja, além da demanda externa, as vendas domésticas aquecidas também elevaram os aumentos de preços. Além do consumo por ração animal expressivo, o interesse dos estrangeiros pelo farelo também é foi alto, em grande parte motivado pela redução nas vendas na Argentina, que é o principal exportador de farelo de soja no mundo.

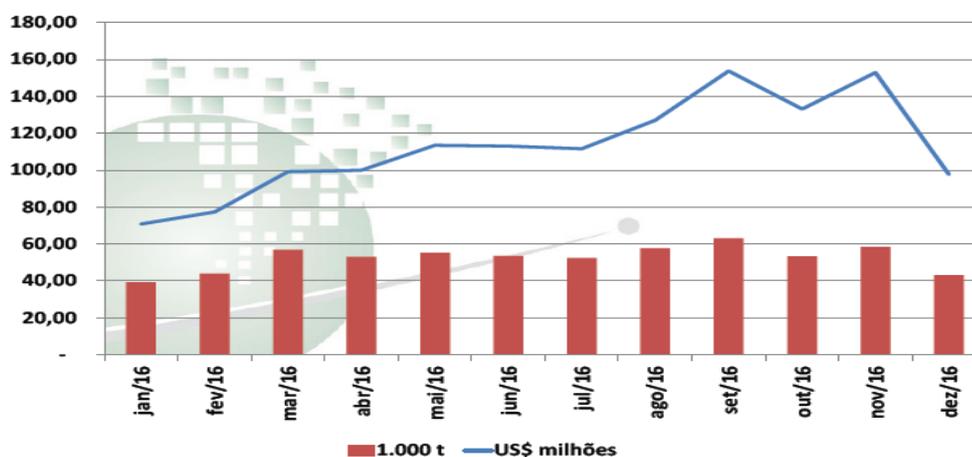
Boletim Suíno descrito por ORTELAN (2015), destaca em 2015, o Brasil embarcou 14,83 milhões de toneladas de farelo de soja, um aumento de 0,5% em relação ao total de 2014 (13,72 milhões de toneladas) o maior volume por ano desde 2005, com um preço médio recebido para vendas de R \$ 1.220,56/ tonelada com 8,1% superior aos R\$ 1.129,47 / tonelada em 2014.

3.12 Exportação de Carne Suína 2016

Conforme CEPEA (2018) as exportações de carne de suíno no ano de 2016 brasileira bateram um recorde, totalizando 704 mil toneladas, uma quantidade 33,8% maior que em 2015. A receita chega a 1,44 bilhão ao ano, isto tem um aumento elevado de 16,9% de acordo com o Boletim de Suíno (ORTELAN, 2016). Este bom resultado esteve como responsáveis os maiores embarques a China e Hong Kong que, os dois juntos tiveram um destino de 34,7% das exportações brasileiras em 2016, a poder somar 244,5 mil toneladas. Os embarques aumentaram quase 17 vezes para China, isto totalizam 87,8 mil toneladas. Para Hong Kong, o segundo maior comprador da carne suína brasileira está apenas atrás da Rússia, com aumento de 33,6% indo para 156,9 mil toneladas. Sendo que, os russos importam 242,2 mil toneladas e carne suína do Brasil em 2016, comparado aos 0,9% a mais que 2015.

As Exportações de carne suína de janeiro a dezembro de 2016, segundo o volume e a receita, segundo o CEPEA (2017), ESALQ (2017) e USP (2017), publicado no Boletim do Suíno em 2016 estão apresentados no Gráfico 8.

Gráfico 8 - Exportações de Carne Suína-Volume/Receita de janeiro a dezembro de 2016.



Fonte: CEPEA (2017) e ESALQ (2017).

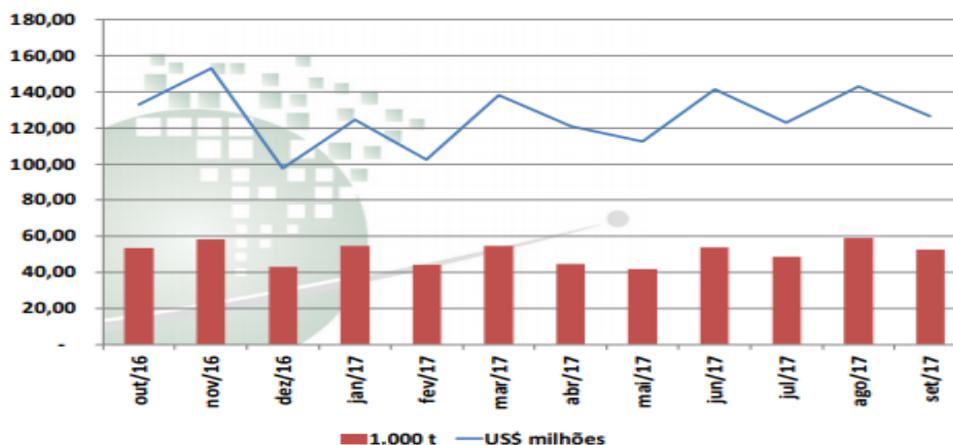
Neste patamar o geral que as exportações de carne suínas brasileiras a todos os destinos caíram 22,6% nos dois últimos meses de 2016, que pode se considerar a 50,3 mil toneladas. A sua receita mensal do setor recuou em 33,3% ou 53,9 milhões, para US\$108 milhões em dezembro. Os preços nominais da carne suína no atacado foram os maiores patamares dos últimos anos, deflacionado pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA, 2016), com um valor de R\$ 4,97/kg, enquanto a bovina era cotada em R\$ 9,90/kg, quase 4,93 reais acima. A carcaça especial suína foi negociada na média de R\$ 7,11/kg e a carcaça casada bovina, de R\$ 10,08/kg, apenas 2,97 reais a mais, quanto à carne de frango, os preços estiveram nos patamares nominais mais elevados da história em 2016.

3.13 Exportação de Carne Suína 2017.

Segundo CEPEA (2018) além do bom ritmo de embarques de carne suína brasileira para a China, são esperadas uma abertura do mercado sul da Coreia ainda novas ampliações e conquista de vendas para compradores de carne suína brasileira. Mas, ainda há uma dúvida em relação ao Estados Unidos, por os pontos estratégicos imposto pelo atual Presidente Donald Trump, assim, o Brasil depende das medidas, por tanto uma saída seria a abertura do mercado mexicano, por Boletim do Suíno, ORTELAN (2017). Em contrapartida, o aumento da produção de carne suína pelos norte-americanos, que já vem ocorrendo, tende a elevar a concorrência com os produtos brasileiros nas vendas internacionais.

Em relação à Rússia, maior importador da carne suína brasileira, com 228,4 mil toneladas de janeiro a novembro de 2016, as expectativas, por um lado, não eram promissoras, levando em consideração a estratégia declarada do país na busca pela autossuficiência em carne suína. O volume de 22 mil toneladas, sendo 8,8 mil toneladas a mais que em dezembro/16, significou positivamente alavancando a possibilidade de negociar com Rússia em relação a novas plantas de exportação. A tendência é que as vendas cresçam nos próximos meses para todos os países, pois, historicamente, janeiro tem um dos menores volumes exportados do ano. As Exportações de carne suína de janeiro a setembro de 2017, segundo o volume e a receita, segundo o CEPEA (2017), ESALQ (2017) e USP (2017), publicado no Boletim do Suíno em 2017 estão apresentados no Gráfico 9.

Gráfico 9 - Exportações de Carne Suína-Volume/Receita de janeiro a setembro de 2017.



Fonte: CEPEA (2017) e ESALQ (2017).

O maior importador de carne de porco brasileira é a Rússia, com 38% do total, esses envios totalizam 68.600 toneladas no primeiro trimestre, o que ultrapassa o volume de 14% da performance de 2016, seguido de Rong Kong com 37, 7 mil toneladas, que tem 21,4 % do

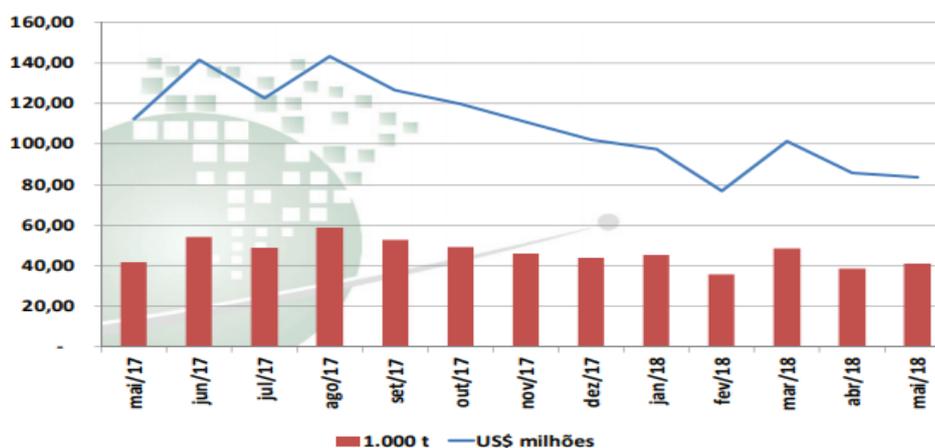
total, e caiu 13% em relação ao mesmo período do ano anterior. O terceiro lugar vem para a China com 15,5 mil toneladas de importações, que aumentaram 8,8% do total e supera 42% do desempenho em 2016, em seguida, a Argentina, responsável pela importação de 10,6 mil toneladas do produto brasileiro, que tem uma porcentagem de 6,1% do total, e seu crescimento em relação ao mesmo período de 2016 é de 108% mais. O fluxo de exportação brasileiro cresceu em 2017, sendo o maior importador da Rússia, tornando-o público como uma confiança absoluta na qualidade do produto, já que é monitorado pelas autoridades de saúde da Europa Oriental e de todos os outros países importadores (ABPA, 2018).

3.14 Exportação de Carne Suína Transição 2017/2018.

De acordo com CEPEA (2018) as exportações brasileiras de carne suína in natura seguem inferiores às de 2017. O Brasil embarcou 41,05 mil toneladas do produto, volume 1,6% menor que o exportado no mesmo período do ano passado, quando somou 41,74 mil toneladas, mas o desempenho das vendas ao mercado externo permaneceu constante com uma receita de 22% (R\$ 248,88 milhões) para R\$ 303,59 milhões.

Recentemente, agentes do mercado suinícola se animaram com o início das vendas da carne à Coreia do Sul e com a possível retomada das compras por parte da Rússia, o que contribuiria para amenizar as perdas ocasionadas pelo menor volume exportado nos últimos meses. No entanto, a greve dos caminhoneiros na segunda quinzena do mês afetou o cenário previsto, já que interrompeu o transporte de cargas aos portos brasileiros, limitando os embarques. Mesmo assim, as exportações em maio registraram melhor desempenho que em abril/18, segundo o volume e a receita (CEPEA, 2018; ESALQ, 2018; USP, 2018), publicado no Boletim do Suíno em 2018 estão apresentados no Gráfico 10.

Gráfico 10 - Exportações de Carne Suína-Volume/Receita de maio de 2017 a maio de 2018.



Fonte: CEPEA (2018) e ESALQ (2018).

3.15 Projeção para 2022

Conforme CEPEA (2018) as projeções de carne para o Brasil mostram que esse setor parece mostrar próximos anos taxas de crescimento da produção, principalmente na carne de frango, que deverá crescer anualmente em torno de 4,2%, enquanto que a carne bovina, o crescimento será de 2,1% ao ano. A produção de suínos projeta um crescimento de 2,0% ao ano, o que representa um valor relativamente alto, uma vez que pode satisfazer o consumo interno e as exportações brasileiras até 2021/2022.

O Ministério da Agricultura ("Projeções do agronegócio 2011/12 a 2021/22") aponta para um aumento significativo na produção de carne. Prevê-se que a produção de proteína de frango, porco e carne aumentará 43,2 por cento ou 10,9 milhões de toneladas nos próximos 10 anos para 36,2 milhões de toneladas. Para a carne bovina, o ministério estima um crescimento de 32,3% da produção nacional em dez anos, para 11,8 milhões de toneladas. Nessa faixa, espera-se que o consumo interno aumente em 27% para 9,4 milhões de toneladas e as exportações em 20% para 1,6 milhão de toneladas. Enquanto isso, espera-se que a produção de porco cresça 22% para atingir 4,6 milhões de toneladas, com aumento de 22,2% no consumo interno e 23,1% nas exportações. O estímulo para a produção nacional de carne, explica o ministério, virá dos mercados doméstico e externo, com a carne de frango que deverá aumentar 56,1% (20,3 milhões de toneladas).

3.16 Carnes Concorrentes

Segundo CEPEA (2018) o crescimento nos preços da carne de suíno o valor do produto fica próximo da carne bovina e se distancia do frango resfriado, e assim perde competitividade frente a concorrentes. Com o valor mais baixo os produtores tentam se livrar dos custos altos, a carne suína apresenta uma desvalorização e a carcaça comum chega a ficar 53,6%, mais barata que bovina com 17,1% mais cara que frango inteiro resfriado, isto acontece no primeiro semestre Boletim do Suíno (CEPEA 2014).

Com o aumento de quase 70% no preço da carne suína no atacado, a carcaça comum passou de R\$ 3,33/kg para 5,55/kg, o quilo desta carne passou a ficar 38,7% inferior ao valor pago pela bovina e 30% maior que o preço da carne de frango, mas logo em seguida teve um aumento de quase 70% no preço da carne suína no atacado, a carcaça comum passou de R\$ 3,33/kg para 5,55/kg, o quilo desta carne passou a ficar 38,7% inferior ao valor pago pela bovina e 30% maior que o preço da carne de frango segundo fonte do Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos (DEPEC, 2017).

As condições climáticas são melhores e espera-se que o país colhe a maior colheita de grãos na história. Assim, não deve haver escassez de produtos para exportação para continuarem crescendo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 2013, ou real depreciado contra as moedas de negociação de parceiros principais, ou que se destina a suavizar ou atraentes exportações brasileiras, devido à redução de uma parte de exportações. Uma expansão das cotações internacionais para o resultado de uma combinação de forçamento global (China) e da diminuição da produção mundial, causada principalmente pela temporada dos Estados Unidos.

Na comparação dos valores médios de 2013 e 2012, houve queda de preços externos em dólares, desvalorização nas taxas de câmbio reais, dois países em desenvolvimento e crescimento de volume não exportado, portanto, nenhum máximo em moeda americana. Ou as exportações atrativas do agronegócio diminuíram, devido ao forte continua a ser o preço externo de produtos exportados pelo país ou pelo agronegócio nacional, embora não tenha ocorrido nenhum intercâmbio.

A China consolidou-se como o principal destino das exportações do agronegócio brasileiro. A Zona do Euro ficou com a segunda posição, com das exportações do agronegócio brasileiro em 2013. EUA, Japão e Rússia também se destacaram como parceiros comerciais do Brasil. Os grupos de produtos mais importantes em 2013, em termos de valor exportado, foram os do complexo da soja, sucroalcooleiro e carnes.

As regiões que apresentaram maior participação no total das exportações brasileiras do agronegócio foram: Sul, Sudeste e Centro-Oeste. A importância das exportações do complexo

de soja para as regiões Centro-Oeste e Sul é destacada; cana e café para o Sudeste; peixe, têxteis e frutas no Nordeste; e oleícolas e peixes no Norte. Em 2014, a produção agrícola brasileira deve continuar a crescer em 2017, bem como a demanda da China e da Índia também, embora com taxas mais baixas. A expectativa é que o Real continuará a desvalorizar, devido à recuperação da economia norte-americana. Assim, o cenário positivo para as exportações agrícolas brasileiras deve ser mantido este ano.

As exportações do agronegócio brasileiro iniciaram 2017 em alta, em termos de faturamento em dólar. Em ano de supersafra nacional, foram os preços em dólar que contribuíram para o resultado positivo do setor, uma vez que o volume agregado caiu quase 6% no primeiro semestre deste ano, mesmo com as vendas externas recorde da soja em grão. O Real se valorizou frente às moedas dos parceiros comerciais mais importantes do País. Com isso, a atratividade das exportações agrícolas se reduziu no primeiro semestre de 2017, assim como a competitividade dos produtos exportados pelo setor no mercado internacional.

No primeiro semestre de 2017, as exportações de soja, frutas, celulose e papel, açúcar e madeira só cresceram. Foram observados saís externos mais atraentes apenas para açúcar, porco e etanol. Para o segundo semestre deste ano, espera-se um ambiente econômico doméstico mais favorável, o que pode contribuir para a taxa de câmbio estável, bem como a atratividade das exportações agrícolas e a competitividade dos produtos brasileiros no mercado internacional. Do lado da oferta, após o clima desfavorável em 2016, que causou uma perda significativa na colheita de grãos em 2017, as condições climáticas são melhores e espera-se que o país colhe a maior colheita de grãos na história. Assim, não deve haver escassez de produtos para exportação para continuarem crescendo em 2017. Assim, a suinocultura brasileira apresenta potencial de crescimento, mas para isso precisa ampliar o consumo interno e externo, além de dar mais atenção para o planejamento da produção. A atenção nestas esferas é importante para dar sustentabilidade à expansão do setor suinícola no futuro.

5 REFERÊNCIAS

ABCS - Associação Brasileira de Criadores de Suínos. Disponível em www.abcs.com.br. Acessado em setembro de 2017.

ABIPECS – Associação Brasileira da Indústria Produtora de Carne Suína. Disponível em www.abipecs.org.br. Acessado em maio de 2018.

ANUALPEC – Anuário da Pesquisa Brasileira, 2002. Disponível em www.anualpec.com.br. Acesso em março de 2018.

CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada. Disponível em www.cepea.esalq.usp.br. Acessado em dezembro 2017.

CNA - Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil. Disponível em COIMBRA, R. D. Conab: Carne Suína: Panorama 2003 e Cenário 2004. Anuário Porkworld 2004, São Paulo: Animal World, v. 3, n. 17, 2003.

DEPEC - Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos. Disponível em www.economiaemdia.com.br. Acessado em dezembro de 2017.

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Produção de suínos. Disponível em www.embrapa.br. Acessado em setembro de 2017.

EPAGRI. Desempenho da Produção animal, Carne Suína. Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2014-2015. Disponível em docweb.epagri.sc.gov.br. Acessado em março de 2018.

ESALQ - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Disponível em www.esalq.usp.br. Acessado em dezembro de 2017.

FAEB - Federação de Arte Educadores do Brasil. Disponível em www.faeb.com.br. Acessado em janeiro 2018.

FAGANELLO, E. A História do Porco. Disponível em www.suinoindustrail.com.br. Atualizado em abril de 2016. Acessado em março de 2018.

GONÇALVES, R. G. e PALMEIRA, E. M. Suinocultura brasileira. Observatorio de la economía Latinoamericana, 71, p. 01-11, 2006.

GUESSER, F. Exigências ambientais na suinocultura e levantamento da percepção dos suinocultores de Ibicaré/SC. Monografia submetida ao curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em www.sidra.ibge.gov.br. Acessado em outubro de 2017.

IC-AGRO - Índice de Câmbio Efetivo do Agronegócio. Disponível em www.icagro.fiesp.com.br. Acessado em dezembro 2017.

IPE-AGRO - Índices da Pecuária no Agronegócio. Disponível em www.cepea.esalq.usp.br. Acessado em dezembro 2017.

KRUGMAN, P. e OBSTEFEDLD, M. Economia Internacional: Teoria e Política. 5º edição São Paulo: Makron, 2001.

MAPA - Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento, Jornal Valor Econômico. Disponível em www.agricultura.gov.br. Acessado em outubro de 2017.

MOLENTO, C. F. M. Bem-estar e produção animal: Aspectos econômicos - Revisão. Archives of Veterinary Science, 10, 1-11, 2005.

ORTELAN, C. B. Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada-ESALQ/USP, CEPEA 2014. Boletim de Suíno, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016 e 2017, Exportação. Disponível em www.sistemafaeb.org.br. Acessado em de agosto 2017.

PORTER, M. E. A Vantagem Competitiva das Nações. 5º edição, Rio de Janeiro: Campos 1989.

RATTI, B. Comercio Internacional e Câmbio. 8º edição, São Paulo, Aduaneiras, 1994.

RICHARDSON, R.J. Pesquisa social: métodos e técnicas. 3 Ed., São Paulo: Atlas, 2007.

ROPPA, L. Tendências da suinocultura mundial e as oportunidades brasileiras. ANUALPEC, p. 281-284, 2002.

SANTOS, Antônio Silveira Ribeiro dos; MARTINS, Renata de Freitas. Poluição: Considerações ambientais e jurídicas. Revista IMES, São Caetano do Sul, 5, p. 97-102, 2003. Suinocultura Industrial. Disponível em www.suinoindustrail.com.br. Acessado em 18 set 2017.

TAKITANE T. Tecnologias para o Armazenamento e Tratamento de Dejetos de Suínos. 2003. Disponível em www.sisca.com.br. Acessado em setembro 2017.

TURRA, F. Mercado de Carne Suína. Disponível em sfagro.uol.com.br/carne-suina-exportacoes-brasileiras-crescem-87-em-2017. Acessado em agosto 2017.

USDA - Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. Disponível em www.usda.gov. Acessado em janeiro 2018.